



ENTREVISTA COM A PROFESSORA BRENDA DA SILVA SALAZAR

Yasmin Luanne Alves Coelho¹

ENTREVISTADORA: Yasmin Luanne Alves Coelho (Y)

ENTREVISTADA: Brenda da Silva Salazar (B)

RESUMO: A presente transcrição contém o diálogo completo da entrevista com a professora de língua portuguesa Brenda da Silva Salazar, da do município de Breves, Marajó-PA.

B: Já? Você está me ouvindo? Aí, você quer que eu fale um pouco sobre a minha relação com a literatura e educação, né? Posso começar me apresentando?

Y: Pode ser, pode ser. Você pode se apresentar.

B: Meu nome é Brenda, atualmente eu sou professora de língua portuguesa em uma escola que fica aqui no Marajó, em Breves na ilha do Marajó, dou aula para alunos do 6º ao 9º ano e a minha relação com a literatura começa lá na época da escola ainda. Quando eu conheci os livros através da biblioteca que tinha na escola e a partir disso eu comecei a ver a leitura, a literatura como uma forma de conhecer outros lugares, conhecer outras perspectivas, outras realidades, Então, tudo isso foi importante porque me levou ao que eu sou hoje. Sou professora de língua portuguesa. Quando eu optei pelo curso, eu lembro que justamente porque os livros eram uma ferramenta de conhecer outras realidades, conhecer outras vivências. A partir disso, eu consegui moldar para que eu chegasse a esse momento, que é a educação. Então, para mim, os livros, eles possibilitam que a gente consiga mostrar aos alunos, através de textos, poesias, através dos gêneros textuais, essa relação com o mundo, essa proximidade que a educação permite através dos livros.

Y: Certo. E agora eu queria que você falasse um pouco sobre o tema, sobre a literatura como ferramenta de resistência e construção de uma identidade negra.

B: Bom, quando se fala da literatura, principalmente quando a gente fala da literatura afro-brasileira, que é uma realidade que a gente vivencia, que a gente trabalha dentro da

¹ Graduanda em Licenciatura Integrada; Bolsista do Conexões de Saberes; Universidade Federal do Pará.
E-mail: yasmin.coelho@iemci.ufpa.br



sala de aula, muitas das vezes o currículo não dá muito espaço para isso, mas trazer para uma sala de aula, ter aquele professor crítico que vê em tudo como um processo importante que precisa ser situado então a gente começa a ver essa literatura, a partir de um outro olhar, de uma outra visão porque quando se fala da resistência, da luta que comunidades quilombolas, comunidades afro vivem, a gente consegue mostrar para o aluno que a realidade que ele vive talvez seja muito diferente ou talvez seja próxima daquilo que são vivenciados, então quando a literatura a gente pega livros que falam sobre isso sobre essa resistência que falam sobre esses povos que apresentam histórias, seja por meio de poesias, narrativas que estão dentro da literatura afro, a gente consegue mostrar uma outra realidade, uma outra visão. Eu penso que a partir do momento que se apresenta um livro, um texto que fala sobre os negros, que fala sobre alguma coisa relacionada a isso, a gente está mostrando para o aluno uma forma dele ter um pensamento mais crítico da realidade, ter um pensamento mais amplo, porque às vezes o aluno está preso somente à realidade dele, o que ele conhece, aquilo que ele vive, muitas das vezes ele não consegue ver além disso. Então o livro, a literatura, ela possibilita que esses alunos conheçam outra realidade, vivenciem outras situações que talvez não sejam próximas a eles, ou que muitas das vezes ele vai se identificar também. Poxa, aqui eu tenho relação com aquilo que eu vi, aquilo que eu experimentei, com coisas que estão relacionadas com pessoas, com o que eu convivo. Então a literatura vai aproximar esse aluno dessa relação. Isso vai ser uma forma de resistência também, porque o aluno vai conhecer isso tudo, ele vai se refletir sobre essas ações, sobre as coisas que estão relacionadas ao cotidiano dele. Então é uma forma de resistência. A literatura, ela possibilita isso, possibilita que, através da leitura, através da forma como os alunos leem, convivem com aquilo, ele também consigam trazer para a realidade dele e ser um aluno reflexivo, crítico, que consegue falar sobre isso, discutir sobre isso e ter propriedade para falar sobre isso. Às vezes, as coisas, os temas relacionados a essa luta, essa resistência, ela é muito superficial. A gente precisa incentivar para que ela seja mais profunda, mais crítica, para que ele vá além daquilo que é superficial, não é só uma simples banalidade, mas algo que precisa ser realmente estruturado dentro do conhecimento dele, da realidade que ele vive, e daquilo que ele aprende, até mesmo na escola.

Y: Agora eu vou colocar aqui algumas perguntas, que elas são sobre temas diferentes. E a primeira pergunta, ela vai falar sobre a experiência pessoal e formação, tá? Eu queria saber se você lembra de alguma obra ou de algum autor negro que marcou a sua trajetória escolar ou acadêmica.

B: Bom, um dos autores que marcou muito a minha trajetória, que a gente viu muito na sala de aula, foi, principalmente desde a época fundamental, principalmente na faculdade, foi o Lima Barreto e o Machado de Assis. São os autores que marcaram a minha formação, desde a época do ensino fundamental e principalmente na faculdade, quando eu ia conhecer o curso de letras.

Y: Certo. Agora, a nossa outra pergunta vai se voltar à literatura e resistência. Eu já queria saber, na sua visão, quais estratégias você acredita que escritores negros utilizam para afirmar suas vozes e narrativas na literatura?

B: Olha, uma forma assim, olhando para os autores que eu li bastante na época da faculdade, eu vejo muito, eles se utilizam muito da crítica social. Eu vejo que é uma forma deles também falarem sobre a realidade deles, só que eles conseguem transformar



a crítica social em coisas do cotidiano. Por exemplo, Lima Barreto, quando fala da Clara dos Anjos, por exemplo, ele fala sobre uma realidade, sobre uma sociedade que vive ali e ele fala do papel da mulher nesse processo. Então, de como ela estava sendo vista, de como a mulher negra, principalmente, que era o caso dela, estava ali vivendo uma experiência, e não de amor, mas também de um diálogo que vai além disso e toda a crítica social que ele constrói ao redor disso, é uma forma dele trazer essa visão, essa resistência, essa forma de ver e olhar para outra realidade.

Y: Bom, a nossa outra pergunta é sobre identidade negra e educação. E eu queria saber quais práticas pedagógicas você considera eficazes para incluir a diversidade racial e cultural nos processos de ensino.

B: Olha, as práticas pedagógicas que eu acho interessante inserir nesse processo são as que estão relacionadas a uso de textos literários, a partir dos gêneros, textos narrativos, poemas, discussões, debates, são coisas que estão relacionadas à prática e podem trabalhar essa questão da identidade também, da resistência, é uma forma, porque a gente precisa mostrar ao aluno que ele tem que ler sobre isso, refletir sobre isso e falar sobre isso, então acho que ele lendo, refletindo e falando sobre isso a gente consegue ter uma prática que vai alcançar este aluno através de temas como esse.

Y: Certo, já que você falou sobre a inserção da literatura, eu queria saber quais são os principais desafios que você encontra para inserir a literatura negra de forma efetiva no ambiente escolar.

B: A maior dificuldade que a gente tem como professor é a ausência desse tema no currículo, se tu for pegar o currículo de muitas escolas, principalmente de muitos municípios, a gente tem uma dificuldade muito grande de ter isso presente, às vezes aparece minimamente em folhas transversais, não aparece como algo que seja obrigatório e isso é uma dificuldade. Então as vezes o professor ele precisa meio que tentar dentro do que ele tem que fazer que ele tem que trabalhar o currículo, tentar inserir isso dentro da escola, em alguma atividade em alguma coisa que o aluno, ele possa perceber também é um tema importante, mas a maior dificuldade mesmo é a ausência disso no currículo, a maioria das escolas...

Y: Certo, e que papel os professores e a comunidade escolar podem desempenhar nesse processo?

B: O papel que o professor e a comunidade pode desempenhar é de falar sobre isso, discutir sobre isso, trazer esses temas a tona, porque muitas vezes a gente fala sobre temas relacionados à fome, a pobreza, mas a gente não fala sobre racismo, não fala sobre a discriminação, então é importante trabalhar isso também, acho que é importante a gente falar sobre isso.

Y: Você acredita que a lei 10.639 de 2003 tem sido efetivamente aplicada? Essa lei é a que torna obrigatória o ensino da história e cultura afro-brasileira.

B: Em parte eu acredito que sim, eu vejo que a inclusão dela dentro do currículo nas aulas de história acontece, só que muitas vezes é aquilo, o tempo ele é curto pra se trabalhar uma coisa que deveria ter mais abrangência, que deveria ter mais discussões e as vezes passa muito corrido, então acaba que o tema não é trabalhado de uma forma



que seja eficaz.

Y: Certo, e pra gente finalizar, eu queria que você deixasse uma mensagem para os estudantes e educadores sobre o poder da literatura negra como ferramenta de transformação social.

B: A literatura ela é excepcional porque ela permite que a gente consiga conhecer outras realidades, conhecer outras vivências e principalmente ela nos incentiva a ter uma crítica, fazer uma crítica a uma realidade que muitas vezes está longe da gente, então o que eu deixo para os professores, para os alunos, é que a importância da leitura, a importância de refletir sobre aquilo que a gente lê, sobre aquilo que a gente tá construindo como conhecimento, ela é necessário e principalmente a gente deve ter esse olhar para a literatura negra porque é uma realidade que é presente no nosso dia a dia, é importante falar sobre isso porque muitas das vezes a gente se depara com alunos, alunas principalmente quando se fala da questão do cabelo, que se sentem excluídas com relação a coisas, por exemplo, elas não se veem nas princesas da Disney, hoje em dia a gente consegue perceber a inclusão, mas quando se fala de histórias de princesas, histórias de contos de fadas essas coisas, a criança ela não se enxerga nisso. Então o que a gente deve fazer? A gente deve incentivar mais a leitura de textos onde o aluno se sinta próximo daquilo, onde consiga se ver naquela realidade, então a literatura negra ela é importante porque a gente consegue perceber que através da leitura eu enxergo como o outro, eu me vejo como o outro, então nós educadores, nós alunos, que queremos... nós precisamos ter esse olhar para essa realidade e entender que se faz necessário ter essa proximidade, o que a gente lê tem que tá próximo daquilo que a gente vivencia, então a gente precisa relacionar isso, trazer pras nossas salas de aula, pros nossos hospitais, pros nossos debates tudo aquilo que a gente tá proporcionando e ensinando aos alunos.

Y: Obrigada Brenda, essas foram algumas das nossas perguntas. Eu te agradeço muito pelo tempo que você disponibilizou para responder, sei que às vezes não é fácil, na correria do dia a dia, mas eu te agradeço muito, tô muito feliz e contente por sua contribuição.

B: Eu que agradeço pelo convite, espero ter ajudado.

Y: Ajudou sim, obrigada, tenha um bom dia.